

O que penso diante dessas imagens?

Em outubro de 2012, resolvi que apresentaria as séries Diários Públicos (Leila Danziger), Memórias inventadas em costuras simples (Caroline Valansi) e Cicatriz (Rosangela Rennó) aos meus alunos do segundo seguimento do ensino fundamental da Escola Municipal Goiás. Para tanto, elaborei um série de três aulas, uma para cada artista, nas quais eu fazia no primeiro momento uma introdução, sobre os trabalhos, a biografia e os processos de criação de cada artista e em seguida mostrava em *Power Point* as imagens com seus respectivos títulos e datas de criação. Enquanto observavam, eu os perguntava o que estavam vendo, o que pensavam enquanto olhavam as imagens. Pedi para que cada um anotasse em seus cadernos as palavras que fossem surgindo em suas cabeças. Insistia: “Olhem a imagens. Conseguem descrever o que aparecem nelas?” “O que a fotografia tem a ver com a memória”? E fui percebendo que aos poucos eles começaram a fazer perguntas por si mesmos. Começaram a tomar para si aquelas imagens, compará-las, suspeitar delas. E perceber isso me encheu de alegria.

Assim, no segundo momento, pedi para que os alunos organizassem as palavras anotadas, pensassem sobre elas e que, numa folha em branco, escrevessem ao menos um parágrafo sobre tudo o que viram e ouviram durante as aulas e me entregassem. A maioria prontamente me atendeu, os demais, pediram para desenhar em vez de escrever. Aceitei.

Já em casa, quando comecei a ler os textos produzidos pelos alunos percebi que muitos deles se aproximavam das ideias de Barthes, Didi Hubermam, Sontag, Benjamim e das minha próprias sobre a fotografia. Isso me fez lembrar a frase de Macedônio Fernandes em seu *Romance da Eterna*: “o mundo foi inventado antigo” e pensar (reescrivendo Barthes) que a vida além de “feita a golpes de pequenas solidões”, é também feita de prazerosos momentos compartilhados.

As palavras /pensamentos dos meus alunos reanimaram o curso da pesquisa e por isso achei justo trazer para essa dissertação, alguns deles. Deixar que eles falem por mim e comigo.

A escolha dos textos se deu, sobretudo, afetivamente. Trouxe os fragmentos que dialogam mais intensamente com os pensamentos que desenvolvi que de-

envolvi ao longo dessa pesquisa de mestrado. Transcrevo-os:

7.1

Memórias inventadas em costuras simples

Gabriele Mendonça

Turma: 1802

Eu achei bem criativo da parte de Caroline fazer esses trabalhos. São fotos costuradas como se fosse linha do tempo à continuação de uma foto rasgada. Com esses trabalhos eu tive a ideia de que podia fazer tipo uma história ligando as fotos uma na outra. Isso seria uma coisa interessante porque isto não é normal hoje em dia. As pessoas estão muito ligadas à tecnologia. Não é só porque é antigo que é chato.

Sanlai Fernandes

Turma: 1802

Achei bem interessante a forma como Caroline Valansi pegou aquelas fotos despedaçadas, as costurou, desenhou as partes que não tinha na tal caixa que sua amiga achou, e fez delas umas obras de arte. Mas aí vem a questão: Por que estavam rasgadas? Será que a pessoa que as possuía jogou fora porque queria esquecer seu passado? Sua família? Seu marido rebelde chegou e as rasgou para ela só ser apegada a ele? São tantas questões que nunca serão esclarecidas. E essa é exatamente a graça: a gente ficar horas e horas imaginando milhares de coisas sobre por que as jogaram fora, quem eram as pessoas das fotos, o que estavam pensando e onde estavam.

Keila da Silva Veras

Turma: 1802

O trabalho de Caroline Valansi além de ser muito bonito e simples ressalta a importância das memórias. Quando as pessoas observam uma fotografia, automaticamente elas se lembram de como, quando e onde aconteceu. A artista, através das fotografias, expressa seus sentimentos e sua opinião sobre como as lembranças podem ser importantes para nosso presente e nosso futuro.

Daiane Valentim Araújo

Turma: 1902

Um trabalho bem feito da Caroline Valansi, costurar ou emendar com desenhos fotografias antigas que não eram dela. Achei esta obra de arte bem criativa, fotos que lembram o passado e deixam a dúvida de saber o que estava acontecendo, em que local estavam, quem eram aquelas pessoas, porque as fotos estavam rasgadas e jogadas no lixo. Podemos inventar uma história para cada uma delas.

7.2

Diários Públicos

Beatriz da Silva

Turma: 1702

A imagem representa duas meninas, provavelmente pobres, sentadas no chão, enquanto várias pessoas passam por elas e parece que elas não são ninguém, parece que estão invisíveis para o mundo.

Nathan Secundes

Turma: 1702

Eu entendi que essas obras mostram imagens que nós vemos em jornais, revistas, noticiário e até no nosso dia a dia, que passam direto e que nós não notamos, pois são as mesmas coisas. Mas a Leila Danziger foi esperta, pois mostra a realidade que nós evitamos ver e quando isso está numa exposição eles veem.

Nátaly Moraes

Turma: 1802

Eu vejo algumas crianças revirando os lixos em uma reportagem de jornal. Provavelmente algumas crianças são sozinhas e tem que se virar sozinhas, recolhendo até alguns alimentos dos lixos, e outras trabalhando e ajudando sua família que não tem condição financeira. Essas crianças e adolescentes são tratadas como lixo pela sociedade, mas são seres humanos.

Luís Felipe

Turma: 1702

Eu vejo um jornal com uma foto destacada e o jornal transparente. Nessa foto tem crianças mexendo no chão sujo. Eu acho que essa imagem quer realçar as crianças mexendo no lixo.

Thales

Turma: 1702

Eu vejo crianças abandonadas no lixão procurando por alimento, brinquedos, item com valor e etc. Só que parece que ninguém ajuda elas, como se fossem míseros ratos, e eu não gosto disso.

Shayene Victória Nogueira da Silva

Turma: 1902

Através dos recortes de jornal, Leila Danziger ressalta o fato de que as pessoas não dão atenção às coisas que estão acostumadas a ver. Quando ela destaca uma simples imagem de jornal e a expõe de forma artística, as pessoas passam a realmente olhar a imagem e não a ignoram como fariam normalmente. A observação também estimula a lembrança, já que ao olhar para a imagem destacada no jornal as pessoas lembram de acontecimentos recentes ou mais antigos.

Diego Carvalho

Turma: 1902

Leila Danziger usa jornal, mostrando assim algumas tragédias que acontecem no dia que, por as pessoas estarem cansadas de ver e ouvir, talvez não liguem mais para essas coisas. Ela pega estes jornais, com fita adesiva tira as palavras e deixa apenas as imagens que ela quer. E em quase todas as fotos, umas frases de um poeta como: Para-ninguém-e-nada-estar, Para alguém que nasce hoje, etc.

Lucas de Oliveira Moraes

Turma: 1902

Uma menina pobre, que para muitas pessoas não existe, que só conheceu a dificuldade por causa do jornal que divulga a reportagem. Essas meninas preci-

sam catar garrafa, lata, etc, para ajudar seus pais que não conseguem trabalho em lugar nenhum, porque às vezes sofrem preconceito com a roupa e a cor.

7.3

Cicatriz

Mylena Branda

Turma: 1902

Cicatrizes, fotografias ou tatuagens são formas que marcam na memória momentos sejam eles de felicidade, tristeza, dor, saudade, enfim, é uma lembrança de um momento da vida. No caso da fotografia vista na aula de Artes, tem uma mulher tatuada no peito de dois homens. Essa mulher pode ser uma pessoa importante como uma esposa, uma filha, uma irmã ou uma namorada, por exemplo, mas é uma forma de lembrar de pessoas, momentos ou outras coisas importantes para uma pessoa.

Breno

Turma: 1702

Quando eu vejo essa foto eu penso “é só uma pessoa com uma tatuagem como outra qualquer” mas quando ela é explicada o pensamento muda porque a história dessa foto é bem triste, que é de uma pessoa que foi presa e pra expressar seu sentimento fez esta tatuagem, mas de uma forma diferente, com uma navalha, aí você vê a tristeza de um presídio.

Camila

Turma: 1702

Eu penso que uma pessoa desenhar uma mulher no peito seja uma homenagem de amor, porque pode ser que essa pessoa já tenha falecido ou se separou dele.

Marcele

Tuma: 1702

Eu vejo nessas cicatrizes tatuagem em forma de tortura. A artista revelou estas fotos em forma de denúncia para isso não se repetir e virar polêmica.

Brenda Cunha

Turma: 1602

Olhando para a primeira imagem penso no sofrimento da pessoa, penso tudo o que a pessoa já passou dentro do presídio e acho que ele tatuou aquela cruz pra mostrar o que ele estava sentindo, mas também pode ter sido outra coisa. E observando a segunda imagem acho que o cara que estava preso fez essa tatuagem pra homenagear alguém que estava sentindo saudade ou então fez só porque deu vontade. Acho que a artista estava tentando lembrar algo que estava esquecido por essas pessoas ou até mesmo para as pessoas que veem a foto consigam pelo menos pensar o que eles pensavam lá.

Leticia R.

Turma: 1702

Tatuagem, cicatriz e fotografia são marcas que levamos para sempre na vida. Fotografias são coisas que carregamos até a morte, tipo lembrar dos familiares falecidos e distantes. Tatuagem às vezes com nomes de pessoas especiais na sua vida. E a cicatriz, marca de machucados, cortes, e até de gravidez.

Larissa Oliveira

Turma: 1702

Quando eu olho para a foto vejo que o homem sofre muito dentro do presídio, que ele gosta da América, e que ele está pedindo perdão a Deus por alguma coisa que ele fez. O outro homem deve estar querendo mostrar o que sente pela mulher, pois ninguém faz uma tatuagem à toa.

Raquel M. Robaina

Turma: 1902

Rosângela Rennó quis mostrar que os homens que tinham as tatuagens tinham uma lembrança marcada em si mesmos. Ela quis dizer que não é necessário ter lembranças só no cérebro, mas em cada parte do seu corpo. O que eu consegui entender também é que os homens tinham desejos, uma fé, uma meta, ou até mesmo lembranças, e eles não podiam expressar esses desejos em palavras, mas conseguiram expressar através de tatuagens. Rosângela achou essas

fotografias e quis torná-las públicas, quis mostrar que não precisamos só expressar as coisas em poemas, palavras da boca pra fora, letras de músicas, em frases, em textos, mas também mostrar seus desejos em forma de desenhos, que fossem facilmente entendidos. E foi isso que Rosângela quis nos dizer. E foi o que eu entendi.

Helena Cristina dos Santos Gomes

Turma: 1802

Eu entendi que muitas pessoas no presídio resolveram marcar no corpo coisas que não queriam esquecer. Por exemplo, o homem que desenhcou uma mulher, pode ter sido alguém que ele muito amou, mas provavelmente nunca mais veria na vida, pois ficaria ali por muito tempo. Outro exemplo é o homem que fez Jesus no corpo como se tivesse esperança de um dia ser perdoado por Deus. Ou o homem que fez um desenho escrito “amor”, para nunca esquecer que um dia foi amado por alguém, não esquecer que é humano e precisa de amor para com os outros. E homens que desenharam coisas sem sentido para nós, mas que significaram algo marcante para eles.

Hugo Fabiano

Turma: 1602

Eu olho essas fotos pensando em discórdia, tortura em forma de denúncia para os condenados de Carandiru.

Yasmim

Turma: 1602

Eu penso que essas pessoas fizeram essas tatuagens feito feridas para se lembrarem de outras pessoas que foram muito especiais para elas. E quando essas pessoas olharem para as feridas, vão ficar felizes em terem esta marca de pessoas importantes em seus corpos.

Evelyn Cavalcante

Turma: 1802

Quando eu vejo essas fotografias eu penso que eles fazem isso como um passatempo, ou para não esquecerem as coisas e pessoas que existem lá

fora. Também pode ser para que o tempo passe mais rápido para eles.

Maria de Fátima

Turma: 1702

Olhando as fotos no quadro, e com o nome da obra, percebo que estes presidiários fizeram uma espécie de tatuagem com o machucado. Eles se cortaram como uma bela homenagem. As figuras no peito mostram, para mim, que eles não querem esquecer dessa “pessoa ou objeto”, e quando olham matam a saudade que não querem esquecer.

Luiza Prestes

Turma:1702

Eu acho que a marca foi feita na gilete. Ela quis mostrar essas fotos para que as pessoas possam saber mais ou menos como era na prisão. A cruz acho que significa o peso que ele carregou na prisão ou roubando, e a América, onde ele roubou ou o passado dele lá.

Suzane

Turma: 1802

A Rosângela Rennó quer transmitir, para quem vir suas imagens, vários pensamentos. Ao ver as imagens das cicatrizes veio logo na minha cabeça algum tipo de acidente, como por exemplo, um acidente de carro, ou até mesmo uma brincadeira que pode ter acabado ferindo alguém e feito a cicatriz. Para mim, ela queria que as pessoas imaginassem vários acontecimentos, mas que nunca ficasse sabendo o que houve de verdade, a verdadeira história da cicatriz, o momento em que aconteceu.